

## A fotografia em desassossego: processo híbrido artístico<sup>1</sup>

Thais Samara de Castro Bezerra<sup>2</sup>  
Cristianne P. Melo Amorim<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande

### RESUMO

A fotografia contemporânea se abre cada vez mais para o universo da linguagem híbrida, pois não lhe basta registrar os instantes, mesmo sendo de grande importância no mundo da linguagem visual, das artes e da comunicação em geral. Partindo desse fato e do pensamento, próprio, que a aplicação de hibridismo não se dá de forma gratuita e sim a partir de certa exigência da obra de arte, construí um processo criativo partindo do campo fotográfico que claramente me levava aos intercâmbios, seja entre linguagens ou técnicas. O objetivo era investigar como tais processos de imbricamento ia se dando através do processo criativo, seguindo uma metodologia que comporta a pesquisa e a prática simultaneamente. A temática da obra permeia questionamentos existencialistas e contribuiu nesse processo de investigação entre fotografia e desenho, até à colagem. O resultado foi uma constatação na forma de pensar arte, seguindo um caminho totalmente perceptivo e intuitivo, porém não desvinculado da pesquisa teórica, no qual o próprio hibridismo se configura como uma inquietação da obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; hibridismo; existencialismo.

### ARTE HÍBRIDA

Um pensamento comum a muitos estudiosos da cultura visual em relação aos processos de hibridização é o de que a arte acompanha as mudanças socioculturais e técnicas, sendo a arte híbrida um reflexo das percepções mais subjetivas dos artistas diante dessas mudanças. Com as mudanças a partir da modernização do século XIX e com as percepções diante delas, um processo de repensar as criações artísticas foi sendo construído e intensificado, atingindo um ápice no século XX, sobretudo com os movimentos artísticos no Pós-Guerra, de modo que os artistas passaram a se libertar cada vez mais das formas canônicas de fazer arte (ALMEIDA, 2011, p.12).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT "Fotografia Contemporânea".

<sup>2</sup> Aluna de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: samaracastro87@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora de Arte e Mídia da UFCG, e-mail:cristianne.melo@gmail.com

Mas é preciso acrescentar que junto a essas mudanças mais objetivas, estava o afloramento das subjetividades (ALMEIDA, 2011, p.12), portanto, os artistas estavam dando mais vazão às suas percepções de mundo, deixando que isso fosse o fator condutor de seus processos criativos, descobrindo novas possibilidades de relações de sentidos entre conteúdo e forma em uma obra de arte, inclusive a intuição e o acaso, quando Pollock fazia em suas pinturas abstratas expressionistas: o experimental predominava. Flores (2011, p.137) coloca que a fotografia artística é aquela em que a subjetividade do artista é plenamente assumida.

De fato, essas questões de mudanças sociais, técnicas e de percepções, influenciam muito os processos criativos no campo da arte, afinal, a arte está dentro dessa sociedade que muda. Mas acredito que mais forte que essas influências, sobretudo hoje, é a própria ideia de uma obra de arte que pede ou exige uma forma híbrida, ou um sentido híbrido, ou ainda uma linguagem híbrida. Recordo aqui os antigos escritos com iluminuras, que só a partir da junção entre pintura e escrita poderia ter seu sentido completado: pintura e escrita deviam ser capazes de representar um único sentido (cultura e religião europeia). Assim, os manuscritos poderiam ter apenas o formato da escrita, mas houve a necessidade de unir a pintura. Isso lembra o que Fayga (1977, p.10) afirma, que o homem não cria apenas porque quer ou porque gosta, ele cria porque precisa, porque sente necessidade de relacionar formas e encontrar sentidos.

Hoje temos um acúmulo gigantesco de mudanças sociais, políticas, técnicas, econômicas, culturais e éticas, e ainda assim encontramos a pintura a óleo como linguagem artística. E por quê? Porque é nesse formato que o artista acredita que melhor conseguirá construir o sentido de sua obra. É claro que pode ter tantas outras razões, inclusive de ordem financeira, mas o que quero dizer é que não é porque vivemos em uma época de mudanças significativas e sensíveis às nossas percepções que a arte que criamos também será obrigatoriamente apenas um reflexo puro disso. A obra será híbrida, sobretudo e em primeiro lugar, porque assim o seu conteúdo melhor se conforma, segundo o processo do artista.

A arte híbrida é capaz de convergir diversos suportes e linguagens (científica, artística, social, entre outras) em uma única obra de arte, rompendo oposições binárias, como público/obra e artificial/natural, ou questionando conceitos como dentro/fora, perto/distante, como Arantes coloca (ibid. p.51) em seguida citando o

exemplo do teatro da totalidade, conceito trabalho por László Moholy-Nagy, em que todos os elementos da composição contribuíam para a narrativa, ou seja, a luz, o som, o espaço, o movimento, a atuação, todos esses elementos eram meios igualmente importante para o desenvolvimento da narrativa. Para atingir esse efeito, László investigava e integrava em seu processo de criação os diversos suportes e linguagens artísticas, como a pintura, a fotografia, o cinema, o design e até mesmo a escultura.

Nesse sentido, tratando de rompimentos, questionamentos ou dissoluções, Arlindo Machado (2008, p.60) explana sobre convergência e divergência das artes e dos meios (fotografia, vídeo, música etc.). Ele afirma que cada meio possui sua especificidade e zonas de proximidade com outros meios, e que ao longo da história a atenção vai sofrendo deslocamento para as especificidades ou para as interseções dos meios. Dentro do pensamento da convergência, Machado alerta para o fato de que mesmo dentro do próprio núcleo específico de um determinado meio há constantes mudanças, novas tendências e movimentos antagônicos, sendo expandido para as zonas de interseção que estarão em contato com zonas de outros meios, que também estão se expandindo, mudando, sofrendo processos diversos, até que chega um momento que pode haver interseção entre os núcleos específicos de cada meio, e esse é o momento da ruptura, quando um núcleo começa a se confundir com outro, gerando processos de hibridização (MACHADO, 2008, p.65).

O pensamento de Machado contribui de modo genérico para a compreensão de como os processos híbridos podem se dar. Mas é preciso observar as mudanças de percepção sobre esses processos e como isso acaba por formar novos olhares e novas formas, de acordo com os contextos sociais, históricos e culturais. E o que percebe hoje é uma diluição cada vez maior do próprio termo “híbrido”. Talvez porque a arte híbrida, ou alguns dos artistas que a faz, tem sentido a necessidade não exatamente de definir sua arte, mas de colocá-la melhor no campo artístico ou de, no mínimo, saber com o que ela dialoga ou não. Para tanto, termos como “intermedialidade” (entre mídias ou suportes diferentes) e “intramídia” (dentro de uma mídia), investigados por Irina Rajewsky (2012) por exemplo, tem sido cada vez mais utilizado para designar processos ou criações que, de modo geral, apresentam elementos híbridos.

Sem aprofundar na variedade de perspectivas que o termo “híbrido” pode assumir dentro do campo da arte, ao ponto de se diluir em outros termos mais específicos, como já citados, nesta pesquisa prefiro encarar a hibridização na arte como um processo que busca associar diversas técnicas ou linguagens para gerar um ou mais sentidos, independentemente da utilização de um ou mais suportes, ao longo da criação artística ou mesmo em um possível resultado. Por exemplo, posso considerar uma fotografia híbrida aquela que apresenta duas linguagens ao mesmo tempo: comercial e artística, ou mesmo científica e artística. Mistura de linguagens também é hibridismo, e não apenas mistura de materiais ou técnicas.

## HIBRIDISMO NA FOTOGRAFIA

A fotografia se comporta como um significativo meio dentro do campo da linguagem visual. Compreendo a fotografia, em primeiro lugar, como essa linguagem visual, que pode ou não se conformar enquanto arte, como também pensava De Zayas citado por Laura Flores (2011, p.94) ao afirmar que “as fotografias podem se fazer Arte”, e colocando que “seu propósito é encontrar e determinar a objetividade da forma”, por isso uma ciência experimental da forma. Apesar dessas noções parecerem um tanto quanto essencialistas e bastante objetivas, nada impede que a fotografia as transpasse, mesmo porque entendo que forma é conteúdo, forma é significado e significante, e nessa dimensão um mundo de olhares e sentidos pode se dar. E isso é arte.

Quando a fotografia transitou para o suporte e linguagem cinematográfica, ela sofreu um processo de hibridização dentro do próprio meio ou do seu núcleo de especificidade, através de uma variação de técnicas como apresentas no início do tópico anterior. A fotografia híbrida não significa necessariamente a união da fotografia a outro meio (ou suporte), mas sim, em primeiro lugar, diz respeito à fusão de técnicas diversas, que pode incluir ou não suportes diversos.

Quando no final do século XIX começaram a pintar os negativos, já estava criando processo híbrido entre fotografia e pintura. Mas isso era em função de uma necessidade objetiva, pois esperava-se da fotografia a representação da realidade, apesar de ter sido comum também adicionar ou alterar elementos à gosto do cliente. Já na época das vanguardas artísticas, o hibridismo na fotografia, como em Man

Ray, Picasso, Dalí, Moholy-Nagy e El Lissitzky, transpassava essas necessidades técnicas, chegando a contribuir para o próprio conceito de Arte, que transitava em direção ao que era transgenérico (perpassando os gêneros artísticos) e à identificação com a ação do artista (FLORES, 2011, p.178).

Assim, com os movimentos das vanguardas artísticas, a Arte vem passando por processos de rupturas mais intensas que antes, diluição e invenção entre técnicas e linguagens, e é aí que o hibridismo encontra solo mais fértil para se fazer. Isso não quer dizer a “morte” dos gêneros artísticos em si, como muitos podem assinalar, mas sim novas percepções entre aquilo já criado e o que o artista deseja. O hibridismo se dá nesse “entre”, como coloca a fotógrafa brasileira Danny Bittencourt, ao afirmar que a fotografia híbrida nasce da percepção daquilo que não é suficiente, e que certas fronteiras são necessárias serem quebradas para as inquietações serem abarcadas pelo processo criativo (IPHOTO CHANEL, 2018).

## **MEMORIAL DE UMA OBRA EM PROCESSO DE HIBRIDISMO**

Por um certo momento me vi desassossegada, parecia um pouco tonta, tateando cada centímetro do quarto, mas a janela era o local que eu mais observava. Por que estou aqui desse lado? Por que não estou lá fora? Por que não atravesso essa parede? Por que não vou até lá? Como seria existir naquele outro lugar, outra situação? Eram os questionamentos que me vinham à mente, algo de um profundo existencialismo.

Senti a necessidade de registrar tudo o que eu vislumbrava por meio daquela janela, utilizando a fotografia naquele mesmo momento. Sem pensar em muitos detalhes de enquadramento, programei a câmera e comecei a me posicionar recordando as formas que meu corpo assumiu durante o início da sensação de desassossego. O corpo tem memória, sobretudo quando se sofre. E posteriormente, quando fui rever as fotos, percebi que as que tinham a janela se sobressaíram em relação a outras. Fiz uma edição que ressaltasse a janela, escurecendo mais ainda o entorno, adicionando um ruído e ajustando o contraste (figura 01).

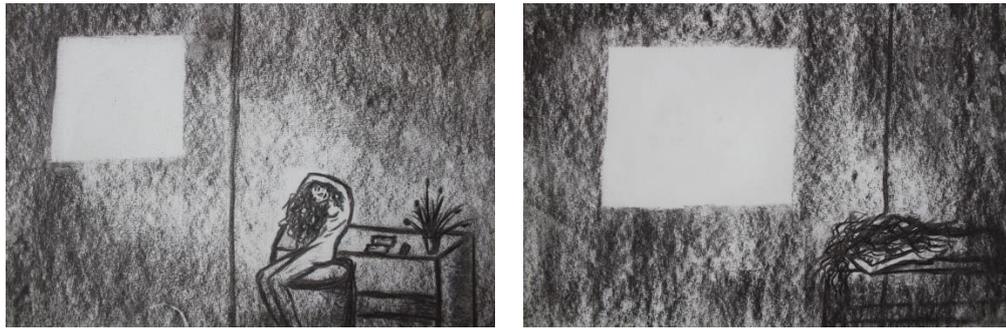
Figura 01: fotografias editadas.



Depois de um tempo sem rever as fotografias, mas sem esquecer o momento de desassossego vivido, senti necessidade de ampliar a visualização dessa sensação. Então resolvi desenhar com carvão vegetal, reproduzindo mais posições que meu corpo assumiu, mas que não foram fotografadas, ou mesmo posições de transição entre uma pose e outra. Percebi que no desenho, a janela ganhou mais evidência ainda, pois a textura que o carvão vegetal fornece aumenta o contraste (figura 02).

Figura 02: desenhos feitos a partir de fotografias em carvão vegetal.





Tomada pela ideia de repetição de movimentos, coisa que também ocorreu enquanto vivia o desassossego, ampliei mais as possibilidades de representação das posições junto à janela: transferi o desenho à carvão vegetal para o tecido. Percebi que na verdade eu queria ampliar e potencializar mais a janela, e no tecido ela ganhou a forma vazada, possibilitando ao espectador a visibilidade de uma paisagem real que, a depender do lugar da instalação das obras, permitirá várias leituras diante do que está para além da janela ou quadrado vazado (ver figura 03).

Posteriormente veio a ideia de hibridizar as técnicas: desenho e fotografia (figura 04). Por meio de uma edição que clareia parte da fotografia, ao imprimir, é possível desenhar sobre essa fotografia, unindo os traços do desenho com as formas fotografadas. E, por fim, a segunda hibridização técnica possível foi entre a fotografia e colagem impressa no tecido (figura 05), quebrando com o ritmo de movimento que vinha sendo estabelecido: antes uma submissão à janela, agora algum domínio sobre ela.

Figura 03: experimentos em tecido.



Figura 04: fotografias com intervenção do efeito do carvão vegetal.

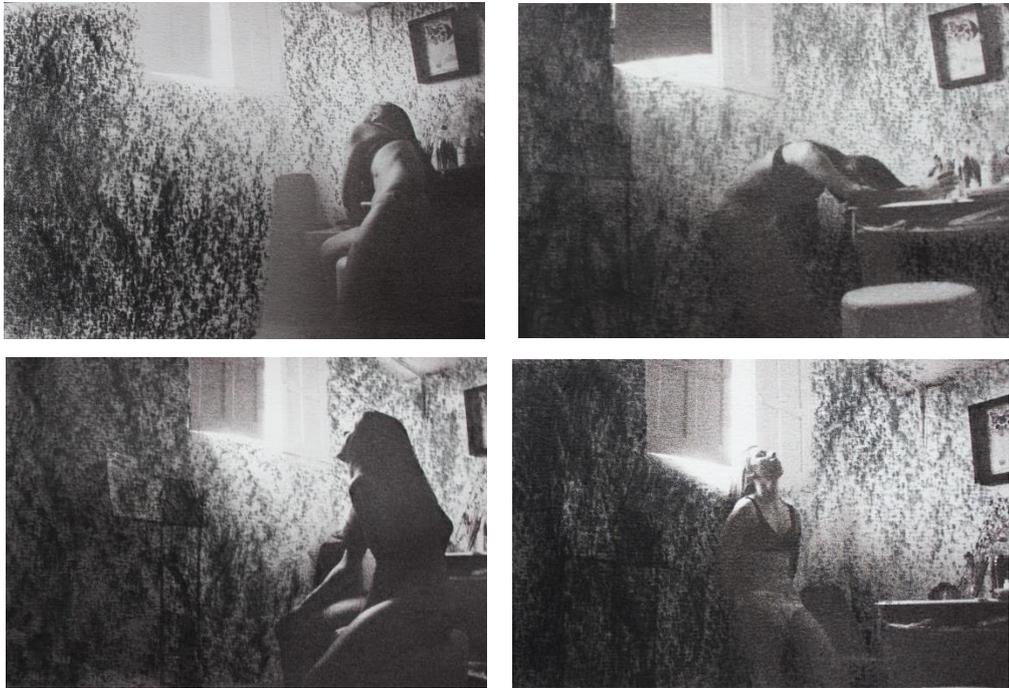


Figura 05: fotografia e colagem sobre o tecido.



Essas hibridizações entre técnicas são mais no sentido de dar visibilidade ao processo de transição dos posicionamentos do corpo fotografado, como também para reforçar a ideia de que um único suporte não dá conta da sensação do desassossego. Assim, mais do que experimentar formas aleatoriamente, na verdade, era quase um processo de tentativas de esgotamento do desassossego, a própria sensação sendo praticada através de formas e linguagens.

Esse processo criativo, cuja orientação foi dada pela professora Cristiane Melo, gerou uma instalação como resultado da disciplina de Projeto II. A instalação

aconteceu no jardim da ADUF/UFCG, localizado na Universidade Federal de Campina Grande, durante os dias 25 a 28 de junho de 2019, e a algumas pessoas que visitaram, perguntei se sentiam à vontade para mexer nos objetos expostos, tendo a maioria afirmado que tinha vontade, mas que ficavam com receio de sujar, quebrar ou algo do tipo, o que é bastante comum para a maior parte do público frequentador de arte da cidade. Outros identificaram algum nível de interação com o quadrado vazado dos tecidos, demonstrando interesse em se colocar por trás dele.

Figura 06: instalação Desassossego.



## CONSIDERAÇÕES EM DESASSOSSEGO

É possível uma arte híbrida que envolva da linguagem computacional à linguagem literária, das técnicas da pintura à fotografia, entre outras formas. É possível um tipo de hibridismo dentro de uma única linguagem, entre técnicas dessa linguagem (a fotografia que virou vídeo). A obra vai “pedir” um hibridismo.

E a fotografia contemporânea se abre para um mundo de possibilidades híbridas: da forma como é executada, passando pelo seu tratamento e chegando até mesmo à sua forma de exposição. Em um mundo em que a cultura visual está massificada, a fotografia não se contenta mais com o registro pelo registro, e é essa inquietação que a leva a se contaminar com outras formas, técnicas e linguagens.

Com isso, penso o hibridismo como uma criação artística que surge a partir de inquietações, pelo fato da obra ou da percepção do artista em processo com uma obra artística (difícil separar a arte e o artista) não encontrar em uma única forma um meio de conformação, este no sentido de acolhimento ou compreensão. A euforia de um hibridismo artístico é, na verdade, a efusão de seu artista.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giselle Asfury de. **Arte contemporânea: hibridismo e reflexão para o ensino da arte**. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/thais/One Drive/Documentos/ARTE%20E%20MÍDIA/Arte%20híbrida.pdf> Acesso em: 15 abr. 2019.

ARANTES, Priscilla. **@rte e mídia: perspectivas da estética digital**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

FLORES, Laura González. **Fotografia e pintura: dois meios diferentes?** trad. Danilo Viela Bandeira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

RAJEWSKY, Irina O. **A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade**. In: Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea. DINIZ, Thais Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares (Orgs.). Belo Horizonte: Rona Editora-UFMG, 2012.